

**AJES - FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ADMINISTRAÇÃO DO VALE
DO JURUENA
CURSO: BACHARELADO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE DOS INDICADORES FINANCEIROS DE
DESEMPENHO: UM ESTUDO DE CASO NA COOPERATIVA DE CRÉDITO
SICREDI UNIVALES**

Autor: Ricardo do Nascimento Neves

Orientador: Profº Mestre Wilson Antunes de Amorim

JUÍNA/2016

**AJES - FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ADMINISTRAÇÃO DO VALE
DO JURUENA
CURSO: BACHARELADO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE DOS INDICADORES FINANCEIROS DE
DESEMPENHO: UM ESTUDO DE CASO NA COOPERATIVA DE CRÉDITO
SICREDI UNIVALES**

Autor: Ricardo do Nascimento Neves

Orientador: Profº Mestre Wilson Antunes de Amorim

*“Trabalho de Conclusão de curso
apresentada á AJES - Faculdade de
Ciências Contábeis e Administração do Vale
do Juruena, como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Ciências Contábeis”*

JUÍNA/2016

**AJES - FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ADMINISTRAÇÃO DO VALE
DO JURUENA
CURSO: BACHARELADO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Nataniel Tomazini

Prof. Ms. Ricardo Zamperetti

ORIENTADOR
Prof. Ms. Wilson Antunes de Amorim

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me concedido força e determinação para superar as dificuldades.

A esta faculdade, e seu corpo docente, direção e administração, em especial a alguns professores, que marcou essa fase da minha vida, são eles, Wilson Antunes Amorim grande amigo e orientador desse projeto pela seu grande empenho e suporte, pelas suas correções, críticas e sugestões, ao Nataniel Tomasini grande amigo e professor, a Jaqueline da Silva Marques grande amiga e professora.

Aos meus pais, pelo grande apoio, durante todo esse período de formação acadêmica.

Aos meus amigos em especial, a galera da contabilidade rústica e a todos que contribuíram, direta ou indiretamente para que esse trabalho se concretizasse.

DEDICATÓRIA

A minha mãe, por estar sempre ao meu lado, pelos conselhos, pelos puxões de orelha, por não me deixar desanimar motivando o meu sucesso, sendo ela uma pessoa muito especial na minha vida.

RESUMO

Essa monografia tem por finalidade analisar os indicadores financeiros de desempenho, no período de 2014/2015, realizado em uma instituição financeira cooperativista sem fins lucrativos, denominada Sicredi Univales, localizado na cidade de Juína – MT, com intuito de identificar como esses indicadores se comportam dentro desse período e de que maneira eles poderiam auxiliar os gestores no processo de tomada de decisão. Esse tema foi desenvolvido devido à necessidade de saber como os indicadores de desempenho financeiro se comportam em uma instituição financeira, o que fica ainda mais interessante quando o objeto em estudo é uma cooperativa. Na produção desse trabalho foram utilizadas como fontes de metodologias, pesquisas bibliográficas, através de revistas, jornais, livros, internet e etc. Para conclusão do trabalho foi desenvolvido o estudo de caso, realizando um levantamento de documentos para serem feitas as análises das demonstrações contábeis de uma Cooperativa de Crédito. Através das análises dos indicadores foi possível levantar dados como endividamento, índices de liquidez, rentabilidade entre outros. Assim relacionando cada indicador com o processo de tomada de decisão.

Palavras-chave: Cooperativa de Crédito, indicadores econômicos, indicadores de desempenho.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Indicadores financeiros de liquidez	39
Quadro 2 – Indicador de liquidez Seca	39
Quadro 3 – Indicador de liquidez Geral.....	39
Quadro 4 – Indicador de liquidez Imediata.....	40
Quadro 5 – Análise financeira vertical e horizontal do balanço patrimonial	41
Quadro 6 – Composição do Endividamento.....	42
Quadro 7– Imobilização do Patrimônio Líquido.....	43
Quadro 8 – Retorno Sobre o Investimento.....	43
Quadro 9 – Rentabilidade ou Retorno Do Ativo (ROA ou ROI).....	44
Quadro 10 – Rentabilidade Do Patrimônio Líquido	44
Quadro 11 – Ativo Médio.....	45
Quadro 12 – Giro do Ativo.....	45
Quadro 13 – Margem Líquida.....	46

LISTA DE ABREVEATURAS

ROA	Retorno sobre os Ativos
ROE	Retorno sobre o Patrimônio Líquido
ROI	Retorno sobre o Investimento
DFC	Demonstração de Fluxo de Caixa
TRPL	Taxa de retorno sobre o Patrimônio Líquido
PCF	Princípios Fundamentais da Contabilidade
OCEMAT	Organizações das Cooperativas de Mato Grosso
CREDIVALE	Cooperativa de Crédito do Vale do Juruena
COCECRER	Cooperativa Central de Crédito
PL	Patrimônio Líquido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO	10
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA	11
1.3 OBJEIVOS.....	11
1.3.1 GERAL.....	12
1.3.2 ESPECÍFICOS	12
1.4 JUSTIFICATIVA.....	12
1.5 DELIMITAÇÃO DO TEMA	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1 A CONTABILIDADE E A GESTÃO EMPRESARIAL	14
2.2 A CONTABILIDADE COMO FERRAMENTAS ESTRATÉGICAS DOS INDICADORES DE DESEMPENHO.....	19
2.3 SURGIMENTO E DESENVOLVIMENTO DOS INDICADORES DE DESEMPENHO.....	20
2.3.1 INDICADORES DE DESEMPENHO.....	21
2.3.2 INDICADORES ECONÔMICOS E FINANCEIROS	21
2.3.3 INDICADORES DE QUALIDADE	22
2.3.4 INDICADORES DE PRODUTIVIDADE.....	23
2.3.5 INDICADORES DE CAPACIDADE.....	23
2.3.6 INDICADORES ESTRATÉGICOS	24
2.3.7 INDICADORES FINANCEIROS.....	24
2.3.8 INDICADORES FINANCEIROS DE LIQUIDEZ	25
2.3.8.1 LIQUIDEZ CORRENTE.....	25
2.3.8.2 LIQUIDEZ SECA.....	25
2.3.8.3 LIQUIDEZ GERAL	26
2.3.8.4 LIQUIDEZ IMEDIATA	26
2.4 ANÁLISE DOS INDICADORES FINANCEIROS HORIZONTAL E VERTICAL..	27
2.5 INDICADORES FINANCEIROS DE ENDIVIDAMENTO.....	27
2.6 INDICADORES FINANCEIROS DE RENTABILIDADE	29
2.7 INDICADORES FINANCEIROS DE GIRO DO ATIVO	29
2.8 MARGEM LÍQUIDA	30
2.9 RENTABILIDADE OU RETORNO DO ATIVO (ROA OU ROI).....	31

2.10 RENTABILIDADE DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO OU RETORNO DO CAPITAL PRÓPRIO (ROE OU TRPL)	31
2.11 DEMONSTRAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA (DFC)	32
3 METODOLOGIA	33
3.1 QUANTO AOS MEIOS	33
3.1.1 PESQUISA DESCRITIVA	33
3.1.2 PESQUISA QUALITATIVA	33
3.2 QUANTO AOS FINS	34
3.2.1 PESQUISA BIBLIOGRAFICA	34
3.2.2 ESTUDO DE CASO	34
4. HISTÓRICO DO SICREDI UNIVALES	36
5. ANÁLISE DA SITUAÇÃO ECONÔMICO FINANCEIRA DO SICREDI UNIVALES NOS ANOS DE 2014 E 2015	38
5.1 INDICADORES DE LIQUIDEZ	38
5.2 ANÁLISE FINANCEIRA VERTICAL E HORIZONTAL	41
5.3 INDICADORES DE RENTABILIDADE	43
5.4 GIRO DO ATIVO E MARGEM LÍQUIDA	45
6. CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

No decorrer da história durante um acelerado processo de industrialização, inicia-se uma grande competitividade no mercado empreendedor, assim surge a necessidade dos gestores e donos de empresas buscarem conhecimentos inerentes ao papel de administrador. Com isso os administradores começam a buscar essas informações, utilizando como método os indicadores de desempenho tendo como seu objetivo principal, realizar tomadas de decisões. A partir do momento em que as empresas adquirem esse tipo de conhecimento e começam a gerar informações relevantes para o processo de tomada de decisão surge uma ideia de vantagem competitiva em relação à concorrência.

Os indicadores de desempenho financeiros auxiliam em duas áreas da contabilidade, chamados contabilidade gerencial e financeira, que servem como ferramenta de controle para as empresas e tomadas de decisões.

Segundo Warren *et al* (2003, p.3):

Contabilidade gerencial incluem dados históricos e estimados pela administração na condução de operações diárias, no planejamento de operações futuras e no desenvolvimento de estratégias de negócios integradas. As características da contabilidade gerencial são influenciadas pelas variadas necessidades da administração. Primeiramente, os relatórios de contabilidade gerencial fornecem medidas objetivas de operações passadas e estimativas subjetivas de futuras decisões. O uso de estimativas subjetivas nesses relatórios auxilia a administração a responder às oportunidades de negócios. Segundo os relatórios gerenciais não precisam ser preparados conforme os princípios fundamentais da contabilidade. Já que somente a administração usa as informações da contabilidade gerencial (WARREN ET AL, 2003, p.3).

A contabilidade financeira é essencial, pois gera informações que auxiliam nas tomadas de decisões. Com os demonstrativos financeiros é possível analisar o desempenho da instituição, assim como realizar um plano de desenvolvimento e traçar projeções futuras. Warren et al (2003, p.3) contemplam da seguinte forma:

Contabilidade financeira são relatadas em demonstrativos financeiros úteis para pessoas ou instituições “de fora” ou externas à empresa. Exemplos de tais usuários incluem acionistas, credores, instituições governamentais e públicas em geral. Na medida em que a administração usa esses demonstrativos financeiros para dirigir operações atuais e planejar operações futuras, as duas áreas contábeis sobrepõem-se. Por exemplo, no planejamento de operações futuras, a administração frequentemente começa a avaliar os resultados já contidos nas demonstrações financeiras. A demonstração financeira, objetiva e periodicamente, relata os resultados das operações e a condição financeira da empresa de acordo com os princípios fundamentais da contabilidade (PFCs) (WARREN ET AL, 2006, p.3).

Conforme a citação acima esclarece, as demonstrações financeiras apontam, através de relatórios e planilhas, como a situação financeira da empresa se comportou; e, tomando-as como referências os gestores podem realizar tomadas de decisões.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Os autores Cervo e Bervian (2002, p.84), dizem que o problema é uma questão que envolve intrinsecamente uma dificuldade teórica ou prática, para qual se deve encontrar uma solução.

Qual a capacidade de pagamento de compromissos de curto, médio e longo prazo assumidos com terceiros da Cooperativa de Crédito Sicredi Univales nos anos 2014/2015?

1.3 OBJEIVOS

Segundo Lakatos e Marconi (1992, p.102) o objetivo geral está ligado a uma visão global e abrangente do tema. Relaciona-se com o conteúdo intrínseco, quer dos fenômenos e eventos, quer de idéias estudadas. Vincula-se diretamente a própria significação da tese proposta pelo projeto.

Também segundo os autores Lakatos e Marconi (1992, p.102) os objetivos específicos apresentam caráter mais concreto. Têm função intermediária e instrumental permitindo, de um lado, atingir o objetivo geral, e de outro, aplicar este a situações particulares.

1.3.1 GERAL

Pesquisar se os indicadores financeiros de desempenho financeiro do Sicredi Univales, no ano 2014/2015, demonstraram capacidade em saldar seus compromissos com terceiros, a curto, médio e longo prazo.

1.3.2 ESPECÍFICOS

Pesquisar e descrever sobre gestão empresarial sob a ótica das teorias que versam sobre o assunto;

Estudar e descrever sobre os indicadores financeiros de desempenho, elencando sua utilização e vantagem;

Realizar um estudo de caso na instituição financeira Sicredi Univales, com o intuito de verificar qual a capacidade de pagamento dos compromissos assumidos com terceiros de curto, médio e longo prazo nos anos 2014/2015;

1.4 JUSTIFICATIVA

Esse tema foi abordado devido o interesse do autor em poder estudar um pouco sobre o desempenho financeiro do Sicredi Univales, tendo em vista que o autor trabalha na empresa sendo assim, um enriquecimento para ele no trabalho que desempenha para essa organização. Assim sendo, um material muito relevante, pois foram buscadas informações nas mais diversas fontes, agregando a esse projeto um rico arcabouço de conteúdo, para a instituição que está sendo estudada informações valiosas sobre o seu desempenho financeiro, tornando possível a elaboração de um planejamento para períodos futuros. Sendo que empreendedores, até mesmos os mais leigos, poderão utilizar os métodos e formas de indicadores de desempenho financeiro que foram abordados. E, também poderá ser utilizado por qualquer pessoa que necessite de alguma informação sobre indicadores de desempenho financeiro, servindo como referência para outros acadêmicos que desejam adquirir conhecimento sobre o assunto e também utilizar essa obra na elaboração de outros trabalhos.

1.5 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Este trabalho foi realizado no Sicredi Univales utilizando-se o Balanço Patrimonial e Demonstração do Resultado do Exercício dos anos 2014 e 2015, portanto, não servira como parâmetro de análise para outras agencias ou instituições financeiras. Foram analisadas somente as questões financeiras, econômicas e patrimoniais, e para isso utilizou-se os indicadores financeiros de desempenho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A CONTABILIDADE E A GESTÃO EMPRESARIAL

A contabilidade é uma atividade que vem sendo desenvolvida há muitos anos, desde quando o homem necessitou de uma forma para contabilizar seu rebanho de ovelhas. Mesmo sendo de uma forma primitiva e muito rústica foi assim que se iniciaram seus primeiros conceitos. Sendo assim, a contabilidade é uma das ciências mais antigas do mundo.

A contabilidade existe desde os primórdios da civilização e, durante um longo período, foi tida como a arte da escrituração mercantil. Utilizava técnicas específicas, que se foram aperfeiçoando e especializando, sendo algumas delas aplicadas até hoje. Não obstante a origem milenar da contabilidade, identificada por historiadores como praticada em tempos remotos da civilização, embora de forma rudimentar e não sistematizada. Aí se inicia a história da contabilidade (OLIVEIRA, 2006, p.1).

A contabilidade é uma Ciência que já existe há muito tempo, até mesmo existem algumas passagens descritas na bíblia como no Livro de Jó, como relata o autor Iudícibus(2006, p. 32) “O livro de Jó, ainda que não seja o primeiro da Bíblia é considerado o mais antigo. Jó era um homem muito rico e justo, da terra de Uz no Oriente, que certamente, tinha um bom contador, pois na descrição de sua riqueza, no versículo três do primeiro capítulo, observa-se: E era o seu gado sete mil ovelhas, e três mil camelos, e quinhentas juntas de bois e quinhentas jumentas”.

Talvez na época de Jó já se introduzisse o período Mnemônico da Contabilidade através de cuneiforme, ou seja, símbolos gravados em barro ou placa de argila, dando-se os primeiros passos para os registros. As próprias placas de argila serviam como relatórios (IUDÍCIBUS, 2006, p.33).

Oliveira (2006, p. 2), relata em sua obra que com o passar dos tempos a contabilidade foi ganhando seu espaço. Que esta desempenhou papéis muito importantes durante o decorrer da história, como a contabilidade no mundo antigo, em que se utilizava os métodos contábeis para contabilizar os bens, momento em que se iniciou com a civilização do homem e foi até 1202 da Era Cristã. Em seguida, deixou sua marca como Contabilidade do Mundo Medieval, através dos registros de débito e crédito, da entrada e saída de valores através de um rudimentar fluxo de

caixa, oriundos do comércio da época, período que vai de 1202 até 1494, época em que surgiu a contabilidade das partidas dobradas, de Frei Luca Pacciolo. Durante o Mundo Moderno, 1494 até 1840, com o aparecimento da obra "**La Contabilità Applicata alle Amministrazioni Private e Pubbliche**", da autoria de Francisco Villa, a contabilidade passou a ser muito utilizada, pois era necessário estabelecer controle sobre as grandes riquezas que um novo mundo possuía.

Assim, a história da contabilidade seguiu progredindo no decorrer dos anos. Na década de 1970, surgiram os postulados, princípios e normas. Assim, primeiramente surgiram dois postulados, que segundo Iudícibus:

Um postulado pode ser definido como uma proposição ou observação de certa realidade que pode ser considerada não sujeita a verificação, ou axiomática. Normalmente, a categoria de postulado, em Contabilidade, abarca uma área de atração mais ampla do que a da própria disciplina e relaciona-se com certos aspectos "ambientais" ou que cercam o campo e as condições em que a contabilidade deve atuar. Postulados, todavia, podem ser meras exposições de verdades, mas que, por serem triviais ou por não delimitarem o campo dos princípios contábeis subsequentes, deixam de ter utilidade (IUDÍCIBUS, 2006, p. 50).

O postulado da entidade contábil relata que qualquer pessoa ou empresa que obtenham receitas e despesas, de investimento e retornos auferidos, pode ser considerada uma entidade contábil. Para Iudícibus (2006, p. 50) "o conceito de entidade contábil pode incluir o conceito legal, uma divisão da empresa ou uma superempresa, tal como uma consolidação de várias firmas relacionadas".

Assim, o postulado da entidade poderia ser assim enunciado: existem entidades que realizam as operações econômicas observadas pela Contabilidade. Outra etapa seria definir o que é esta entidade: todo ente (envolvendo as mais variadas graduações de dimensão) capaz de gerir recursos e agregar utilidade (em sentido amplo) (IUDÍCIBUS, 2006, p. 52).

O postulado da continuidade trata a respeito das empresas e coloca-as como investimento em trânsito, ou seja, o que importa para o postulado da continuidade são os valores que seus ativos podem gerar em períodos futuros.

Para a Contabilidade, a entidade é um organismo vivo que irá operar por um longo período de tempo (indeterminado) até que surjam fortes evidências em contrário. Quando se define o ambiente em que a Contabilidade irá atuar, pressupõe-se que o mesmo continue existindo de modo a permitir que se atinjam os objetivos propostos quando do surgimento desse

ambiente, que é a entidade. Para a Contabilidade, as entidades são vistas como empreendimentos “em andamento”, e, para tanto, seus ativos devem ser avaliados a valor de entrada, ou de acordo com a potencialidade de geração de caixa futura (postulado da Continuidade). (FAVERO ET AL, 2011, p. 39)

Após o surgimento dos postulados, criaram-se também princípios e as convenções a serem seguidos pela contabilidade que norteariam a atividade. São esses os princípios do registro inicial, competência e do denominador comum monetário. Seguidos por quatro convenções da objetividade, relevância, prudência e da uniformidade.

O princípio do custo como base de valor (registro inicial), este princípio trata da composição dos ativos e devem ser considerados para fins contábeis pelo valor pago pelo ativo, incluindo todas as despesas que se fizeram necessárias para finalizá-lo. Segundo Crepaldi (2013, p.10) “O Princípio do Registro pelo Valor Original determina que os componentes do patrimônio devem ser inicialmente registrados pelos valores originais das transações, expressos em moeda nacional.

O princípio da realização da receita e da confrontação com as despesas (competência) trata de quando se obtém as receitas em troca de um ativo, que geralmente ocorre no ato da venda, momento também que ocorre a confrontação das despesas relacionadas ao mesmo ativo.

O princípio do denominador comum monetário trata sobre a forma que são compostos os bens patrimoniais das empresas e que através de correção monetária consegue agregar elementos a esses bens patrimoniais.

Após a instituição de princípios, surgiram as chamadas convenções que são normas que restringem os princípios. Segundo Ludícibus (2006, p. 75) “...as convenções contábeis são o condimento dos princípios contábeis, talvez mais bem expressas como restrições...”

Como citado anteriormente as convenções são uma forma de restrição aos princípios. Assim, a norma da objetividade é considerada também uma restrição que pode ter significados diferentes conforme o ponto de vista de quem analisa o fato.

A Objetividade está relacionada à base de sustentação da informação contábil em termos documentais, ou seja: o registro de qualquer operação só terá validade se estiver embasado em documentação-suporte. Essa

documentação pode ser constituída por notas fiscais, recibos, folha de pagamento etc. (FAVERO ET AL, 2011 p.46)

A convenção da materialidade está relacionada a duas vertentes de quem realiza a escrita contábil e quem faz uso dessas escritas como forma de utilizadores da informação. Também pode ser considerada irrelevante e imaterial levando em consideração o custo benefício que é gasto para gerar informações, ou seja, não é viável gastar o tempo mensurando. Algo que tenha uma parcela que represente valor insignificante do ativo, sendo que poderia gastar esse tempo realizando outras atividades de maior relevância.

O esforço "sobrenatural" para encontrar uma pequena diferença (esporádica) nos relatórios contábeis; a mobilização de todo um departamento contábil para constatar se o consumo de embalagem no valor de \$ 0,016 refere-se ao produto A, B ou C etc. são exemplos de montantes irrelevantes que muitas vezes tornam imaterial sua informação, ou seja, o benefício gerado é menor que o custo. (MARION, 2015 p.133)

A convenção do conservadorismo diz que quando estiver em uma situação em que as projeções apresentarem dois valores deve se escolher o de menor valor. Supõem que existam duas projeções para lucros que deverá ser realizado no exercício X. Um de R\$ 2.000.000,00 e outro de R\$ 1.400.000,00 nessa situação é mais conservador escolher o de R\$ 1.400.000,00, pois não subestimam as expectativas dos usuários da informação. Segundo Iudícibus (2006, p. 82) "conservadorismo deve ser entendido como elemento "vocacional" da profissão a fim de disciplinar o entusiasmo de alguns donos e administradores de negócios na apresentação das perspectivas da entidade".

A convenção da consistência é uma das convenções mais importantes consideradas pelos contadores. Ela diz que não se deve fazer alterações em relatórios contábeis a menos que essa alteração seja de importância relevante para os usuários da informação contábil.

Caracteriza-se como um conceito de que, desde que tenhamos adotado certo critério, entre os vários que poderiam ser válidos à luz dos princípios contábeis, não deveria ele ser alterado nos relatórios periódicos, a não ser que absolutamente necessário e desde que a alteração de critério e os efeitos que possa ter acarretado na interpretação por parte dos usuários das tendências e dos resultados da empresa sejam evidenciados (IUDÍCIBUS (2006, p. 84).

Assim, surgiram as primeiras ideias sobre os princípios contábeis que passaram por uma série de transformações até chegar aos princípios que hoje são aceitos internacionalmente. São eles os princípios: o da Entidade, Continuidade, Oportunidade, Registro pelo valor original, Competência e Prudência.

A contabilidade se iniciou no Brasil com chegada de Pedro Álvares Cabral que trazia junto em sua embarcação um contador estrangeiro que era Pero Vaz de Caminha. Assim, a atividade foi reconhecida no Brasil, no reinado de Dom Pedro II, em que foi estabelecida a lei n. 556 de 25 de junho de 1850. Esta tratava sobre as pessoas que poderiam ser comerciantes, mas foi revogada pela lei 10.406, de 10 de janeiro de 2002. O surgimento das primeiras escolas de contabilidade ocorreu no século XVI.

O disposto no Decreto n.º 7.751, de 23 de dezembro de 1909, e na Lei n.º 2.083, de 1919, foram bases para que o Decreto n.º 13.748, de setembro de 1919, estabelecesse as instruções para o serviço geral da Contabilidade Governamental no Brasil, no governo de Epitácio Pessoa (SÁ, 2008, p. 76).

O início da escrituração através de máquinas se iniciou no final da década de 1930. Por volta da década de 70 surgiram as primeiras teorias contábeis. Segundo Sá (2008, p. 142) “a denominada Contabilidade Gerencial ou Contabilidade Administrativa ensejou o aparecimento de obras sobre o tema e as empresas de auditoria também ampliaram seus trabalhos no campo da consultoria administrativa”.

Essa fase de introdução da contabilidade no Brasil foi marcante e sustenta todas as normas, resoluções, normativos hoje existentes. Também surgiu para complementar os conhecimentos que iniciaram há séculos atrás.

A contabilidade gerencial, como o próprio nome retrata, refere-se a fins gerenciais, tomadas de decisões e que geralmente são mencionados na contabilidade financeira.

“A Contabilidade Gerencial pode ser caracterizada, superficialmente, como um enfoque especial conferido a várias técnicas e procedimentos contábeis já conhecidos e tratados na contabilidade financeira, na contabilidade de custos, na análise financeira e de balanços etc., colocados numa perspectiva diferente, num grau de detalhe mais analítico ou numa forma de apresentação e classificação diferenciada, de maneira a auxiliar os gerentes das entidades em seu processo decisório” (IUDÍCIBUS, 2006, p.35).

O trabalho da contabilidade caminha lado a lado com a gestão empresarial e esse deve ser implantado para um bom desempenho de análises de suas atividades, assim como agregar melhorias e atribuir a elas, as empresas costumam utilizar os Sistemas de Informação:

Essas análises são desenvolvidas através de sistemas de informação gerenciais que auxiliam os gestores. Esses sistemas trabalham com cruzamentos de dados: a pessoa insere dados no sistema, este cruza os dados relevantes e gera informações fidedignas.

Denomina os sistemas de informações gerenciais que têm como objetivo fundamental a consolidação e aglutinação de todas as informações necessárias para a gestão do sistema empresa. Esses sistemas unem e integram todos os subsistemas componentes dos sistemas operacionais e dos sistemas de apoio à gestão (PADOVEZE, 2004, p. 51).

Com esses sistemas de informações gerenciais fica muito mais fácil para os gestores analisarem os dados e realizarem o processo de tomada de decisão, pois esses sistemas possibilitam uma visão mais sucinta da realidade da empresa.

2.2 A CONTABILIDADE COMO FERRAMENTAS ESTRATÉGICAS DOS INDICADORES DE DESEMPENHO

A contabilidade é um dos principais aliados às análises de desempenho utilizadas pelas instituições. Possibilita de forma clara a segmentação de dados organizados, sendo esses dados capazes de gerar informações, tornando possível analisar o desempenho de uma empresa.

A análise de desempenho está relacionada ao termo avaliação que serve para avaliar a forma como se desenvolve alguma atividade. Warren *et al* (2006, p. 227) descreve que:

A análise de desempenho é uma ferramenta utilizada frequentemente por várias atividades, por exemplo, um competidor que pratica esportes é avaliado pelo seu desempenho tendo como, base de avaliação padrões aceitáveis de um competidor. Um exemplo clássico desse tipo de análise é o desempenho escolar, que geralmente são representados por notas, e mostra se você alcançou os objetivos em classe propostos. Assim como seu desempenho em classe é avaliado, os gerentes são avaliados em relação a objetivos e planos. O desempenho é frequentemente medido como a

diferença entre os resultados obtidos e os resultados planejados. (WARREN ET AL (2006, p. 227)

Está evidenciado que a contabilidade é uma ferramenta utilizada para se realizar análises de desempenho, através das informações que a empresa oferece. Dessa forma, contribui para o desenvolvimento de estratégias, com objetivo de melhorar a gestão empresarial.

Figueiredo e Caggiano (2008, p. 269) retrata uma visão eficiente sobre os objetivos da avaliação de desempenho. Eles podem ser estabelecidos como sendo os seguintes:

- a) Calcular a eficiência com que as responsabilidades assumidas pelos gestores têm sido desempenhadas;
- b) Identificar as áreas onde ações corretivas devem ser implementadas;
- c) Assegurar que os gestores estão motivados ao cumprimento dos objetivos da organização;
- d) Possibilitar uma comparação entre o desempenho dos diferentes setores da organização e descobrir as áreas onde melhoras devem ser objetivadas.

2.3 SURGIMENTO E DESENVOLVIMENTO DOS INDICADORES DE DESEMPENHO

Os indicadores surgiram de uma necessidade básica de saber se um trabalho é eficaz e eficiente, buscando a adequação da realidade e necessidade de cada usuário. A sua característica é servir como uma ferramenta de análise determinando a qualidade e eficácia. Frezzati (2003, p.78) evidencia que a contabilidade gerencial tem tido perceptível evolução ao longo do tempo, podendo ser citadas as seguintes fases:

Foco no volume de vendas: espelhava percepção de falta de controle sobre outros elementos da atividade. Seu referencial era a atividade comercial; Foco na margem bruta operacional: o controle sobre custos e despesas torna-se possível e exige certa estruturação contábil para que possa ser desenvolvida; Foco no lucro líquido: a organização passa a preocupar-se com a geração de resultado, para poder distribuí-lo ao acionista, bem como se percebe de que a estrutura de capital tem papel significativo sobre o resultado final da operação; Foco no retorno sobre o investimento: aqui se

percebe uma importante guinada em decorrência da percepção de controle não só sobre a operação, mas também sobre os recursos que tornam viável tal operação; e Foco no valor: a organização preocupa-se com o efetivo impacto sobre o valor da entidade, dimensão, que leva em contas variáveis internas e externas à empresa. Tal dimensão tem mudanças de curto e longo prazo, o que torna a abordagem ainda mais complexa de ser compreendida. (FREZZATI, 2003, p. 78)

2.3.1 INDICADORES DE DESEMPENHO

Os indicadores de desempenho são um conjunto de dados que compilados geram informações e esses podem apontar a situação da empresa em que for aplicada essa técnica. Podemos dizer que também são ferramentas que auxiliam no processo de decisão dos gestores e empreendedores.

Entende-se que os indicadores de desempenho são simplificações de uma realidade complexa que auxiliam na tomada de decisões, tendo como característica a incapacidade de responder perfeitamente a todas as questões formuladas em todas as circunstâncias. O número apurado pela relação matemática proposta deve ser considerado como o ponto de partida para uma análise criteriosa e potencialmente capaz de contribuir para o processo de gestão dos usuários internos e externos à empresa (SILVA, 2001, p. 41).

Os indicadores servem como norteadores para que sejam realizadas as tomadas de decisão, eles mostram um caminho, traçando tendências que são previstas para períodos futuros através de fatos e eventos ocorridos em tempos passados. A finalidade principal é gerar informação fidedigna capaz de auxiliar os gestores a decidir sobre âmbitos que regem interesses de suas empresas, assim minimizando as chances de tomar uma decisão que comprometa a estrutura financeira e econômica .

2.3.2 INDICADORES ECONÔMICOS E FINANCEIROS

Antes de falarmos sobre situação financeira e econômica, primeiro precisamos entender alguns conceitos sobre cada uma. Quando falamos sobre situação financeira estamos abordando uma questão de capacidade de pagamento que a empresa dispõe para cumprir com os compromissos assumidos, liquidando

seus deveres no prazo estabelecido. Reis (2009, p. 360) “quando a nossa análise estiver voltada para o problema da solvência dos compromissos com terceiros, estaremos preocupados em apreciar o aspecto financeiro ou a situação financeira da empresa”.

A situação econômica traz uma visão bem similar à situação financeira, portanto ela tange quando referimos ao capital próprio com relação comparativa ao de capital de terceiros. Quanto maior for o capital próprio de uma empresa, ou seja, o patrimônio líquido melhor e mais sustentável será sua situação financeira. Marion (2006, p.80) “uma forma de avaliar a situação econômica é observar o Patrimônio Líquido da empresa e sua variação. Evidentemente, o crescimento real do Patrimônio Líquido vem fortalecer sua situação econômica”.

Pode-se notar um relacionamento entre os dois termos, de situação financeira e econômica. Quando financeira está relacionada ao capital de terceiros que a empresa dispõe para desempenhar suas atividades. E econômica está relacionada ao capital próprio que é o patrimônio líquido e quanto maior ele for mais forte será a situação econômica. Para toda instituição é normal a utilização de capital de terceiros para custear suas atividades, o que não pode ocorrer é este ser maior que o capital próprio que a empresa dispõe.

Para saber como está a situação financeira e econômica de uma empresa existem várias formas de análise. Podemos citar através dos indicadores de desempenho que será explanado mais detalhadamente a partir desse momento.

2.3.3 INDICADORES DE QUALIDADE

O Sebrae Nacional (2014), descreve que: “Os indicadores da Qualidade, ou Indicadores de Satisfação dos Clientes, medem como o produto ou serviço é percebido pelo cliente e a capacidade do processo em atender aos requisitos dos clientes...”

Indicadores de qualidade tratam da capacidade de satisfação das necessidades dos clientes. Quando nos referimos a um produto existe nele qualidades que são buscadas pelos consumidores, ou seja, características que satisfaçam as necessidades de quem busca determinado produto. Os indicadores de

qualidade têm a função de medir a satisfação do cliente, qualificando conforme sua necessidade e percepção sobre determinado produto.

2.3.4 INDICADORES DE PRODUTIVIDADE

Segundo Sebrae Nacional (2014): “Os indicadores de Produtividade estão ligados à eficiência dentro dos processos e tratam da utilização dos recursos para a geração de produtos e serviços...”

Os indicadores de produtividade são muito utilizados nas empresas. São ferramentas na maioria das vezes simples de serem utilizadas e com muita eficácia no resultado. Esse indicador serve para calcular a quantidade de recursos que ela dispõe para gerar determinado produto ou serviço, buscando cada vez mais se tornar mais eficiente, ou seja, produzir um produto com boa qualidade, porém buscando aproveitar ao máximo os recursos disponíveis, isso agrega para as empresas que fazem uso dessa ferramenta uma vantagem competitiva de mercado, aumentando sua produção e reduzindo custos.

2.3.5 INDICADORES DE CAPACIDADE

Segundo Endeavor Brasil (2015), “Eles medem a capacidade de resposta de um processo. Podemos citar como indicadores de capacidade a quantidade de produtos que uma máquina consegue embalar durante um determinado período de tempo.”

O indicador de capacidade trata da quantidade de tempo que uma empresa necessita para produzir um produto relacionado à quantidade que ela pode produzir. Supomos que uma indústria que produz chinelo necessite de uma hora para produzir um par de chinelos e sua carga horária de atividade é oito horas, concluímos que ela tem a capacidade de produzir oito pares de chinelos por dia.

2.3.6 INDICADORES ESTRATÉGICOS

Endeavor Brasil (2015) descreve que, “eles auxiliam na orientação de como a empresa se encontra com relação aos objetivos que foram estabelecidos anteriormente...”

A utilização dos indicadores pelas empresas possibilita um amplo conhecimento sobre sua área de atuação, assim como sobre os produtos ofertados. Compreende melhor a necessidade de cada perfil de cliente, satisfazendo suas necessidades. Além disso, as empresas que utilizam os indicadores estratégicos ganham uma vantagem de mercado sobre aquelas que não utilizam e também geram informações para tomada de decisão, tornando as decisões mais assertivas com relação a outras empresas por não possuírem nenhum tipo de critério, pois decidem apenas por acharem que é correto, o que muitas vezes não é.

2.3.7 INDICADORES FINANCEIROS

Os indicadores financeiros são ferramentas que norteiam as decisões tomadas pelos gestores no âmbito financeiro, ou seja, recursos disponíveis. Através das análises desses indicadores é possível identificar problemas, assim podendo corrigi-los e também realizar um planejamento financeiro estratégico. Para Padoveze (2004, p. 39) “a contabilidade financeira está relacionada com o fornecimento de informações para os acionistas, credores e outros que estão de fora da organização”.

Como pode-se observar é através dos indicadores financeiros que os gestores tomam decisões e essas decisões implicam no resultado e desempenho financeiro. Podemos dizer que além de fornecer informações para as pessoas que estão de fora da organização, serve primordialmente como forma de análise no processo de tomada de decisão.

2.3.8 INDICADORES FINANCEIROS DE LIQUIDEZ

Os índices de liquidez são formas de avaliar a capacidade de a empresa cumprir com suas obrigações a curto, médio e longo prazo.

São utilizados para avaliar a capacidade de pagamento da empresa, isto é, constituem uma apreciação sobre se a empresa tem capacidade para saldar seus compromissos. Essa capacidade de pagamento pode ser avaliada, considerando: longo prazo, curto prazo ou prazo imediato (MARION, 2007, p. 83).

2.3.8.1 LIQUIDEZ CORRENTE

Marion (2007) A liquidez corrente traz uma avaliação da capacidade de pagamento a curto prazo, por meio da fórmula.

$$LC = \frac{\textit{Ativo Circulante}}{\textit{Passivo Circulante}}$$

De modo geral os índices superiores 1,0 são considerados satisfatórios, porém se faz necessário a utilização de outros parâmetros para fazer essa avaliação, pois índices são variáveis e cada caso é diferente um do outro então devemos analisar determinada situação de acordo com suas características.

2.3.8.2 LIQUIDEZ SECA

Marion (2007), se a empresa parasse totalmente suas vendas, qual seria a possibilidade de pagar suas dívidas com o disponível e duplicatas a receber?

Para fins de cálculo da liquidez seca é excluído o valor dos estoques conforme a demonstra a fórmula de cálculo abaixo.

$$LS = \frac{\textit{Ativo Circulante} - \textit{Estoque}}{\textit{Passivo Circulante}}$$

Para uma empresa apresentar um fator de liquidez baixo não significa que está passando por um fase econômica ruim.

Nem sempre um índice de Liquidez Seca baixo é sintoma de situação financeira apertada. Veja, por exemplo, um supermercado, cujo investimento em estoques é elevadíssimo, em que não há Duplicatas a Receber (pois só se vende a vista). Nesse caso, esse índice só pode ser baixo (MARION, 2007, p. 88).

Assim nota-se que para análise desse indicador devemos levar em consideração o ramo de atividade da empresa em estudo, assim como os demais indicadores.

2.3.8.3 LIQUIDEZ GERAL

Marion (2007) Trata da capacidade de pagamento da empresa a Longo Prazo, considerando tudo que ela transformará em dinheiro (a curto e longo prazo), relacionado com tudo o que já assumiu como dívida (a curto e longo prazo), através da fórmula abaixo.

$$LG = \frac{\textit{Ativo Circulante} + \textit{Realizável a Longo Prazo}}{\textit{Passivo Circulante} + \textit{Exigível a Longo Prazo}}$$

As divergências em datas de recebimento e de pagamento tendem a acentuar-se, quando analisamos períodos longos, ou seja, o recebimento do Ativo pode divergir consideravelmente do pagamento do Passivo; isso, sem dúvida, empobrece o indicador.

2.3.8.4 LIQUIDEZ IMEDIATA

Marion (2007), trata do valor que temos imediatamente disponível para pagar nossas dívidas. Esse índice é calculado através da fórmula:

$$LI = \frac{\textit{Disponibilidades: (Caixas + Bancos + Aplicações de Curtíssimo Prazo)}}{\textit{Passivo Circulante}}$$

A liquidez imediata é um índice sem muito realce, pois relacionamos dinheiro disponível com valores, que irão vencer em datas distintas, porém em curto prazo. Dessa forma é um índice que não retrata muito bem uma realidade financeira por se tratar de um índice, em que, se faz uso dos recursos disponíveis como caixa, banco e aplicações de resgate imediato, para medir a capacidade de liquidez confrontando com dívidas de prazos variados, mas dependendo do ramo de atividade esse indicador pode se tornar muito útil.

2.4 ANÁLISE DOS INDICADORES FINANCEIROS HORIZONTAL E VERTICAL

A análise horizontal e vertical é uma forma de analisar as demonstrações contábeis, quando estamos verificando alguma conta, em que fazemos uma divisão de valores uma pela outra no sentido vertical, chamamos de análise vertical. Quando pegamos vários valores em uma linha do tempo, por exemplo, ano 2000 e 2001, e começamos a fazer uma análise dos valores, dos índices e traçamos uma tendência para um futuro, chamamos de análise horizontal.

A análise Horizontal e Vertical é a forma mais comum de expressar a análise de demonstrações contábeis, pois, apesar de sua simplicidade, elas irão destacar as variações mais importantes no balanço patrimonial e na Demonstração de Resultado do Exercício (SILVA, 2007, p.90).

2.5 INDICADORES FINANCEIROS DE ENDIVIDAMENTO

É com base nesses indicadores que se torna possível medirmos o grau de endividamento das empresas. Sabemos que os ativos geralmente são custeados por capitais de terceiros e pelo capital próprio. E são os indicadores de endividamento que nos informa se a empresa faz uso mais de capitais de terceiros ou de capital próprio. Sabemos que a situação das empresas nos últimos anos está se complicando cada vez mais e com isso o aumento das dívidas crescem exponencialmente.

Hoje é muito comum as empresas trabalharem com capital de terceiros, principalmente em épocas, em que, a inflação está alta, porém se faz necessário tomar cuidado, pois um alto índice de endividamento pode deixar a empresa vulnerável.

Estes indicadores estão relacionados à composição dos capitais (próprios e de terceiros) e medem os níveis de imobilização de recursos, que buscam identificar diversas relações na estrutura da dívida da empresa, conforme comenta Silva (2003, p. 221). De certa forma, estes indicadores estão ligados às decisões de financiamento e investimento, servindo, portanto, para demonstrar as grandes linhas de decisões financeiras adotadas pela empresa, em termos de obtenção e aplicação de recursos (SILVA, 2007, p. 109).

Ao fazer uma análise do endividamento é necessário conhecer algumas peculiaridades desse indicador e também suas características. Devido ter dois tipos de endividamento, ou seja, endividamento para ampliação e produção, tecnologias e etc. Esse, mesmo que o comprometimento da empresa seja grande, podemos classificar com saudável, pois existe uma ideia que depois que as melhorias forem feitas obterá um retorno.

Empresas que recorrem a dívidas como um complemento dos Capitais Próprios para realizar aplicações produtivas em seu Ativo (ampliação, expansão modernização etc.). Esse endividamento é sadio, mesmo sendo um tanto elevado, pois as aplicações produtivas deverão gerar recursos para saldar o compromisso assumido (MARION, 2007, p. 105).

Também tem as dívidas que acabam comprometendo ainda mais a situação da empresa, são elas: financiamentos e empréstimos para pagar outras dívidas, que não foram capazes de gerar recursos para serem pagas.

Para que seja feita uma análise de endividamento, é necessário utilizar algumas fórmulas que possibilitem chegar a um resultado de como está a situação da empresa com as dívidas.

Composição do Endividamento

$$\textit{Composição do Endividamento} = \frac{\textit{Passivo Circulante}}{\textit{Capitais de Terceiros}}$$

Imobilização do Patrimônio Líquido

$$IPL = \frac{\textit{Ativo não Circulante} - \textit{Ativo Realizável a Longo Prazo}}{\textit{Patrimônio Líquido}}$$

2.6 INDICADORES FINANCEIROS DE RENTABILIDADE

Os indicadores de rentabilidade são formas de calcular o quanto de recursos poderá ser gerado pelos investimentos feitos pela empresa. Toda empresa e empreendedores ao investir em outra empresa esperam o retorno do investimento assim como uma parcela de lucro pelo capital que foi investido, esse é o objetivo desse indicador fornecer uma informação ampla sobre o investimento por meio de taxas de retorno.

É possível avaliar o desempenho global de um empreendimento através do estudo das taxas de retorno. Esta análise busca a identificação do retorno sobre o investimento total, o retorno sobre as vendas e o retorno sobre o capital próprio, portanto, uma avaliação não apenas da produtividade, mas, sobretudo, da lucratividade do negócio (SILVA, 2007, p. 113).

Retorno sobre o Investimento

$$\textit{Retorno sobre o investimento} = \frac{\textit{Lucro Operacional líquido}}{\textit{Investimento}}$$

2.7 INDICADORES FINANCEIROS DE GIRO DO ATIVO

O giro do ativo ele mantém uma relação entre as vendas realizadas e os investimentos feitos pela empresa, mostrando o grau de eficiência que os recursos foram aplicados. Para fins de apuração do giro de ativos, é necessário sabermos o valor total do ativo ou o ativo médio, através das seguintes fórmulas.

$$AM = \frac{\textit{Ativo Inicial} + \textit{Ativo Final}}{2}$$

Ou

Ativo Circulante + Ativo Não Circulante

Após sabermos qual é o valor do ativo médio ou ativo total, utilizamos a fórmula do giro do ativo.

$$GA = \frac{\textit{Vendas Líquidas}}{\textit{Ativo Total ou Ativo Médio}}$$

Para fins de interpretação consideramos o giro de ativo quanto maior melhor, ou seja, quanto mais rápido eu comprar vender e receber os meus ativos, maior será meu giro.

2.8 MARGEM LÍQUIDA

Para Silva (2007): A margem líquida ou retorno sobre as vendas, relaciona os lucros líquidos do período com as vendas líquidas do período. Portanto não existe estipulado um valor ideal estipulado para a margem líquida, esse valor deve ser analisado conforme a atividade que está sendo desempenhada e a região que está sendo desenvolvida. A margem líquida pode ser apurada através da seguinte fórmula:

$$ML = \frac{\textit{Lucro Líquido}}{\textit{Vendas Líquidas}} \times 100$$

Para fins de interpretação quanto maior for o valor da margem líquida melhor para a empresa.

2.9 RENTABILIDADE OU RETORNO DO ATIVO (ROA OU ROI)

Para Silva (2007): ROA, conhecido também por retorno sobre o ativo total ou TRI que significa taxa de retorno sobre investimentos, esse indicador tem o objetivo de calcular a eficiência geral da direção da empresa na formação de lucros através dos investimentos realizados. O analista pode optar por analisar o ROA com base no ativo total ou pelo ativo médio. O cálculo do ROA é obtido através da seguinte fórmula.

$$ROA = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Ativo Total ou Ativo Médio}}$$

Para fins de interpretação do cálculo é considerado que quanto maior for o retorno melhor será para a empresa.

2.10 RENTABILIDADE DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO OU RETORNO DO CAPITAL PRÓPRIO (ROE OU TRPL)

Para Silva (2007): Esse indicador trata do valor que os empreendedores e investidores irão receber pelo capital investido, ou seja, esse indicador mostra através de uma taxa a viabilidade do investimento realizado, que para ter sido relevante a taxa de retorno sobre o dinheiro investido seja maior que a taxa de juros praticada no mercado. Ela é apurada através da seguinte fórmula:

$$ROE = \frac{\text{Lucro líquido}}{\text{Patrimônio Líquido}} \times 100$$

Assim como os demais índices a forma que deve ser interpretado é a de quanto maior a taxa melhor, pois quanto mais alto for o retorno do capital investido mais viável se tornara o investimento.

2.11 DEMONSTRAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA (DFC)

A demonstração de fluxo de caixa apesar de não ser exigida, muitas empresas buscam elaborá-la com a finalidade de uma ferramenta a mais no controle de sua empresa e também uma ferramenta que forneça informações úteis no processo de tomada de decisão. Em contrapartida acaba deixando uma imagem maior de transparência. E quando nos referimos a sociedades por ações acaba se tornando uma vantagem competitiva, atraindo mais investidores por transparecer mais solidez financeira.

A DFC demonstra a origem de um montante de numerário desde a sua origem até todas as suas transformações e retornos caso esse dinheiro tenha sido investido.

A demonstração do fluxo de caixa apresenta o resumo de onde o numerário se originou e como foi gasto durante o período. Como há um intervalo de tempo entre muitas transações de caixa – pagamentos de tributos e dividendos – a demonstração mistura algumas transações de período anterior com o corrente período. As transações remanescentes do período corrente entram no fluxo do período seguinte, durante o qual o numerário é efetivamente transferido a terceiros (BRAGA, 2003, p. 118).

Essa demonstração contábil é muito importante ser realizada, pois é através dela que o contador analisa, confere e registra as entradas e saídas de recursos do caixa.

3 METODOLOGIA

Os métodos são formas pelas quais você utiliza para atingir o objetivo daquele trabalho, sendo eles objetivos gerais e específicos. Nada mais é que a forma que você irá desenvolvê-lo.

Em seu sentido mais geral, o método é a ordem que se deve impor aos diferentes processos necessários para atingir um certo fim ou um resultado desejado. Nas ciências, entende-se por método o conjunto de processos empregados na investigação e na demonstração da verdade (CERVO, 2002, p. 23).

3.1 QUANTO AOS MEIOS

3.1.1 PESQUISA DESCRITIVA

A pesquisa descritiva ela busca acompanhar as mudanças, sem de forma alguma interferir no seu desenvolvimento.

A pesquisa descritiva observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los. Busca conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, política econômica e demais aspectos do comportamento humano, tanto do indivíduo tomado isoladamente como de grupos e comunidades mais complexas (CERVO, 2002, p. 26).

É classificado como uma pesquisa descritiva, pois estará sendo desenvolvido um estudo sobre uma determinada organização, em que será coletada toda uma documentação, para assim realizar um estudo sobre suas demonstrações financeiras.

3.1.2 PESQUISA QUALITATIVA

É uma forma de pesquisa de busca investigar as características de qualidades assim sendo realizados vários estudos sobre o objeto, e assim realizar comparações.

Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ele trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (FIGUEIREDO, 2010, p. 83).

A pesquisa realizada é qualitativa, pois foi realizado um estudo que buscará analisar as demonstrações contábeis de uma organização, e apresentar um parecer sobre o resultado das análises.

3.2 QUANTO AOS FINS

3.2.1 PESQUISA BIBLIOGRAFICA

A pesquisa bibliográfica é uma forma de pesquisa muito utilizada, pois mesmo que vá realizar uma pesquisa de campos antes se faz necessário realizar um estudo em livros, para ter um conhecimento pelo menos teórico sobre o caso. A pesquisa bibliográfica é a busca do conhecimento através de livros, revistas, artigos e outras fontes.

A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos. Pode ser reduzida independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Em ambos os casos, busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema (CERVO, 2002, p.65).

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica por terem sido utilizados várias bibliografias para elaboração do referencial teórico, através de pesquisas em livros, artigos, jornais e etc.

3.2.2 ESTUDO DE CASO

No estudo de caso vai-se a campo aplicando os métodos descritos pelo autor a fim de obter resultados sobre a matéria em estudo. No estudo de caso é o autor comprova os fatos e teorias relatados em seu trabalho.

O estudo de caso é um meio para coletar dados, preservando o caráter unitário do “objeto” a ser estudado. Deve-se ter sempre em mente que a totalidade de qualquer objeto de estudo, quer físico ou biológico, quer social, é uma construção intelectual, uma vez que não dispomos de meios concretos para definir precisamente esses limites. O estudo de caso não pode ser considerado um recurso metodológico que realiza a análise do objeto da pesquisa em toda a sua unicidade, mas é uma tentativa de abranger as características mais importantes do tema que se está pesquisando (CARVALHO, 2010, p. 198).

Será desenvolvido um estudo de caso na instituição financeira Sicredi Univales, que irá evidenciar as demonstrações contábeis, que serão o Balanço Patrimonial e a Demonstração do Resultado do Exercício, do não de 2014 e 2015.

4. HISTÓRICO DO SICREDI UNIVALES

Por volta do ano de 1988, no estado de Mato Grosso, surgiram os primeiros cooperativos de créditos. Até então existiam basicamente cooperativas de produção, que passaram por um momento muito delicado devido à situação econômica do país. Devido a esse fator, reflexos negativos caíam sobre as cooperativas, pois muitas acabavam deixando de existir, pois não conseguiam manter suas operações. Assim como a nível nacional o município de Juína, foi afetado por essa crise e podemos dizer que ainda era um pouco mais complicado que as regiões mais desenvolvidas e melhores localizadas geograficamente, o município sofria muito devido a logística.

Muitos pequenos produtores de café acabaram deixando suas atividades, pela grande dificuldade de escoar sua safra. Em contrapartida se desenvolvia uma forte extração de minério, o diamante cuja à região tinha em abundancia e também a extração de madeiras, em seguida à pecuária e o comércio foram ganhando força.

Por meio da Cooperjuína (cooperativa de produção existente em Juína nas décadas de 80/90), o presidente, Sr. Dionísio Damiani, com frequência estava em Cuiabá participando das reuniões da OCEMAT (Organização das Cooperativas de Mato Grosso) e participou algumas vezes de reuniões da COCECRER (Cooperativa Central de Crédito). A partir desse conhecimento, trouxe a sugestão da criação de uma Cooperativa de Crédito, pois sabia da importância de uma instituição financeira local que contribuía com desenvolvimento econômico de Juína e, de toda região (ROSA, *et al*, 2014, p. 21).

Com o surgimento dessa nova ideia, parecia que tinha encontrado a solução e que faltava apenas constituir a cooperativa, mas nem tudo é tão fácil e agora que viria toda a parte burocrática. Logo então foram feitas algumas reuniões que iria esclarecer melhor essa ideia para as pessoas, e porque era necessário à implantação de uma Cooperativa de Crédito. Devido ao histórico frustrante de cooperativas como a Cooperjuína, muitas pessoas não acreditavam na possibilidade dessa ideia dar certo.

Então com pequenos passos, porem firmes se iniciou em 1992 a constituição dessa Cooperativa, após uma análise realizada por um responsável técnico da COCECRER, viabilizando a abertura da Cooperativa, logo já foi realizada

uma reunião com as lideranças da cidade a fim de consolidar a fundação dessa Cooperativa de Crédito.

Assim foi constituída a CREDIVALE – Cooperativa de Crédito do Vale do Juruena, por voto secreto, sendo válidos apenas 49 votos, o número de pessoas no momento da votação, que finalizou com o seguinte resultado: 2 votos nulos, 14 votos contra, e 33 votos a favor da constituição. Procedeu-se a eleição do Conselho Diretor, sendo que o Sr. Juarez Antônio Cividini, um produtor rural, foi eleito Presidente da Cooperativa. (ROSA, *et al*, 2014 p. 27)

Após alguns anos de constituição da Cooperativa de Crédito Credivale, surgiu um modelo de Sistema de Crédito Cooperativo, que tinha a função de integrar os sistemas.

Em 1997, aconteceu uma mudança a nível nacional com relação às Cooperativas de Crédito: a criação do modelo de Sistema de Crédito Cooperativo – SICREDI, que foi formado pelas cooperativas, suas Centrais Estaduais, uma Confederação, o Banco Cooperativo SICREDI S/A e suas empresas ligadas: Administradoras de Cartões, Corretora de Seguros, Administradora de Consórcio e Administradora de Bens, além de uma empresa de informática. Assim, a Credivale passa a ser Cooperativa de Crédito Rural Vale do Juruena – SicrediUnivales, integrando-se ao sistema (ROSA, *et al*, 2014, p. 41).

Assim uma pequena ideia e fé de algumas pessoas, que se engajaram para que essa Cooperativa surgisse e desse certo, nos mostrou a essência do que é uma cooperativa, o apoio mútuo, a reciprocidade ambos trabalhando juntos, cooperando para um objetivo em comum.

5. ANÁLISE DA SITUAÇÃO ECONÔMICO FINANCEIRA DO SICREDI UNIVALES NOS ANOS DE 2014 E 2015

Para iniciar a análise da situação financeira e econômica do Sicredi Univales será exposto o Balanço Patrimonial dos exercícios de 2014 e 2015.

ATIVO	2015	2014
CIRCULANTE	495.305	444.266
DISPONIBILIDADES	6.911	7.011
RELAÇÕES INTERFINANCEIRAS	153.042	114.291
OPERAÇÕES DE CRÉDITO	313.978	307.843
OUTROS CRÉDITOS	18.322	14.151
OUTROS VALORES E BENS	3.052	970
NÃO CIRCULANTE	92.802	111.677
REALIZÁVEL A LONGO PRAZO	49.576	72.264
PERMANENTE	43.226	39.413
TOTAL DO ATIVO	588.107	555.943
PASSIVO	2015	2014
CIRCULANTE	270.480	276.040
DEPÓSITOS	118.493	140.970
RELAÇÕES INTERFINANCEIRAS	95.571	83.501
RELAÇÕES INTERDEPENDÊNCIAS	1.083	1.049
OBRIGAÇÕES POR EMPRÉSTIMOS	26.114	26.005
OUTRAS OBRIGAÇÕES	29.219	24.515
NÃO CIRCULANTE	128.415	125.503
DEPÓSITOS	108.119	93.748
RELAÇÕES INTERFINANCEIRAS	20.296	31.755
PATRIMÔNIO LÍQUIDO	189.212	154.400
CAPITAL SOCIAL	82.437	67.753
RESERVAS DE SOBRAS	89.812	67.477
SOBRAS OU PERDAS ACUMULADAS	16.963	19.170
TOTAL DO PASSIVO E DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO	588.107	555.943

5.1 INDICADORES DE LIQUIDEZ

Quadro 1 - Indicadores financeiros de liquidez

INDICADOR FINANCEIRO DE LIQUIDEZ CORRENTE		
	2014	2015
ATIVO CIRCULANTE	444.266	495.305
PASSIVO CIRCULANTE	276.040	270.480
LIQUIDEZ CORRENTE	1,61	1,83

Fonte: O pesquisador

Verificando a situação financeira da cooperativa foi identificado um desenvolvimento no indicador de liquidez corrente, que passou de 1,61 em 2014, para 1,83 em 2015, havendo uma folga financeira para a possível liquidação das dívidas. A folga financeira apresentada por esse indicador, está relacionada à redução de depósitos no passivo e um aumento nas relações interfinanceiras no ativo.

Quadro 2 – Indicador de liquidez Seca

INDICADOR DE LIQUIDEZ SECA		
	2014	2015
ATIVO CIRCULANTE	444.266	495.305
ESTOQUE	0	0
PASSIVO CIRCULANTE	276.040	270.480
LIQUIDEZ SECA	1,61	1,83

Fonte: O pesquisador.

Por se tratar de uma Cooperativa de Crédito e não haver saldo de estoques, a cooperativa apresenta bons resultados nos indicadores de liquidez seca, além de ser observado um crescimento do ano de 2014 para 2015, ressaltando que apresentar um indicador com níveis muito elevados também não é interessante para organização, devido se tratar uma cooperativa e ser composta por capital de terceiros.

Quadro 3 – Indicador de liquidez Geral

INDICADOR DE LIQUIDEZ GERAL		
	2014	2015
ATIVO CIRCULANTE	444.266	495.305
REALIZÁVEL A LONGO	72.264	49.576
PASSIVO CIRCULANTE	276.040	270.480
EXIGIVEL A LONGO PRAZO	125.503	128415,00
LIQUIDEZ GERAL	1,29	1,37

Fonte: O pesquisador.

Para cálculo do indicador de Liquidez Geral é utilizado todo o valor dos ativos circulantes e os não circulantes a longo prazo, contrapondo com o passivo circulante e os não circulantes também a longo prazo. Observa-se uma folga financeira no ano de 2014, sendo para cada R\$ 1,00 de dívida que a cooperativa possuía R\$ 1,29 de recurso para saldá-las, além de apresentar um crescimento no ano de 2015 com R\$ 1,37, de recursos para cada R\$ 1,00 de dívida. Para que possamos apontar uma sanidade nesse indicador, é necessário saber se esses ativos são possíveis de serem realizados dentro dos prazos, e se as obrigações possuem prazo inferior ao dos ativos.

Quadro 4 – Indicador de liquidez Imediata

LIQUIDEZ IMEDIATA		
	2014	2015
DISPONIBILIDADES	7.011	6.911
PASSIVO CIRCULANTE	276.040	270.480
LIQUIDEZ IMEDIATA	0,025	0,026

Fonte: O pesquisador.

Esse indicador, indica a capacidade da cooperativa, em saldar suas contas apenas com os saldos disponíveis, como por exemplo, aplicações de curtíssimo prazo. E foge muito da realidade, pois compara saldos de disponíveis, com o passivo circulante onde se encontra obrigações com diversas datas para serem exigidos, assim o que geralmente acontece é apresentar valores muito baixo de

liquidez imediata, devido não ser vantajoso deixa valores altos em uma conta de disponíveis, sendo que pode ser investido.

5.2 ANÁLISE FINANCEIRA VERTICAL E HORIZONTAL

Quadro 5 – Análise financeira vertical e horizontal do balanço patrimonial

ATIVO	2015	AV%	2014	AV%	AH%
CIRCULANTE	495.305	84,22%	444.266	79,91%	11,49
DISPONIBILIDADES	6.911	1,18%	7.011	1,26%	-1,43
RELAÇÕES INTERFINANCEIRAS	153.042	26,02%	114.291	20,56%	33,91
OPERAÇÕES DE CRÉDITO	313.978	53,39%	307.843	55,37%	1,99
OUTROS CRÉDITOS	18.322	3,12%	14.151	2,55%	29,47
OUTROS VALORES E BENS	3.052	0,52%	970	0,17%	214,64
NÃO CIRCULANTE	92.802	15,78%	111.677	20,09%	-16,90
REALIZÁVEL A LONGO PRAZO	49.576	8,43%	72.264	13,00%	-31,40
PERMANENTE	43.226	7,35%	39.413	7,09%	9,67
TOTAL DO ATIVO	588.107	100,00%	555.943	100,00%	5,79

PASSIVO	2015	AV%	2014	AV%	AH%
CIRCULANTE	270.480	45,99%	276.040	49,65%	-2,01
DEPÓSITOS	118.493	20,15%	140.970	25,36%	-15,94
RELAÇÕES INTERFINANCEIRAS	95.571	16,25%	83.501	15,02%	14,45
RELAÇÕES INTERDEPENDÊNCIAIS	1.083	0,18%	1.049	0,19%	3,24
OBRIGAÇÕES POR EMPRÉSTIMOS	26.114	4,44%	26.005	4,68%	0,42
OUTRAS OBRIGAÇÕES	29.219	4,97%	24.515	4,41%	19,19
NÃO CIRCULANTE	128.415	21,84%	125.503	22,57%	2,32
DEPÓSITOS	108.119	18,38%	93.748	16,86%	15,33
RELAÇÕES INTERFINANCEIRAS	20.296	3,45%	31.755	5,71%	-36,09
PATROMÔNIO LÍQUIDO	189.212	32,17%	154.400	27,77%	22,55
CAPITAL SOCIAL	82.437	14,02%	67.753	12,19%	21,67
RESERVAS DE SOBRAS	89.812	15,27%	67.477	12,14%	33,10
SOBRAS OU PERDAS ACUMULADAS	16.963	2,88%	19.170	3,45%	-11,51
TOTAL DO PASSIVO E DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO	588.107	100,00%	555.943	100,00%	5,79

Fonte: O pesquisador.

Em relação à análise vertical podemos ressaltar uma boa evolução das contas, há um crescimento de 4 pontos percentuais no ativo no ano de 2015 em relação com o ano de 2014, isso ocorreu devido ao aumento nos investimentos em

relações interfinanceiras no ativo. Já o passivo circulante se manteve praticamente a mesma coisa apresentando pouca evolução nas contas. Onde foi possível observar uma diferença, foi no patrimônio líquido o que é bom, pois, se tratando de uma cooperativa de crédito, onde o PL é formado pelo o capital dos cooperados, um aumento nessa conta significa que mais associados, se admitiram a cooperativa.

Na análise horizontal nota-se um aumento no passivo circulante e uma queda do não circulante, dentro do cenário da cooperativa essa redução ocorreu por muitas aplicações que estavam a longo prazo terem sido resgatadas, e as que não foram, mudaram para conta de realizáveis a curto prazo. Isso ocorreu devido cenário econômico, pois, poucas pessoas aplicam seus recursos a longo prazo, é mais frequente realizarem aplicações de curto prazo, devido os momentos delicados que a economia vem sofrendo.

No passivo circulante houve uma queda de 2 pontos percentuais, dentro dessa conta observamos uma queda significativa nos depósitos, tanto a curto prazo quanto a longo prazo, assim como aconteceu na conta de realizáveis a longo prazo, essa redução se deu também devido ao cenário econômico. Assim a cooperativa acabou por consequência perdendo uma parte das aplicações de longo prazo, que era uma obrigação, devido estar na conta de depósitos e que deveria ser retornado o capital aos associados assim como o rendimento pelos depósitos, em contra partida houve um acréscimo nas contas de ativos, em que, se passou a gerar mais recursos de ativos.

Quadro 6 – Composição do Endividamento

COMPOSIÇÃO DO ENDIVIDAMENTO		
	2014	2015
PASSIVO CIRCULANTE	276.040	270.480
CAPITAL DE TERCEIROS	401.543	398.895
COMPOSIÇÃO DO ENDIVIDAMENTO	0,69	0,68

Fonte: O pesquisador.

Por se tratar de uma cooperativa e o seu patrimônio ser formado pelo capital dos associados, é normal o indicador de endividamento ser elevado e através dessa

análise constata-se que 69% das dívidas com terceiros é de curto prazo. Esses índices pouco variaram de um ano para o outro mantendo um equilíbrio.

Quadro 7– Imobilização do Patrimônio Líquido

IMOBILIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO		
	2014	2015
ATIVO NÃO CIRCULANTE	111.677	92.802
ATIVO REALIZÁVEL A LONGO PRAZO	72.264	49.576
PATRIMÔNIO LÍQUIDO	154.400	189.212
IMOBILIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO	0,26	0,23

Fonte: O pesquisador.

Esse indicador demonstra quanto à cooperativa aplicou em ativo permanente para cada R\$ 100,00 de patrimônio líquido, ou seja, esse índice pouco variou do ano de 2014 para o ano de 2015, e quanto menor melhor, podemos observar que apresenta valores baixos não comprometendo a liquidez da empresa, com saldo positivo no PL suficiente para cobrir o permanente, com uma sobra caso seja necessário financiar o ativo circulante.

5.3 INDICADORES DE RENTABILIDADE

Quadro 8 – Retorno Sobre o Investimento

RETORNO SOBRE O INVESTIMENTO		
	2014	2015
LUCRO OPERACIONAL LÍQUIDO	45.657	43.232
INVESTIMENTO	39.413	43.226
RETORNO SOBRE O INVESTIMENTO	1,16	1,00

Fonte: O pesquisador.

Essa análise trata de quanto à organização terá de retorno sobre o capital investido, então através da desse indicador é possível constatar que para cada R\$ 1,00 de investimento realizado, ela está tendo R\$ 1,16 de retorno sobre o capital investido.

Quadro 9 – Rentabilidade ou Retorno Do Ativo (ROA ou ROI)

RENTABILIDADE OU RETORNO DO ATIVO (ROA OU ROI)		
	2014	2015
LUCRO LÍQUIDO	45.657	43.232
ATIVO MÉDIO	572.025	572.025
RETORNO DO ATIVO	0,08	0,08

Fonte: O pesquisador.

O ROI mede a eficácia da administração em gerar lucros, através dos ativos disponíveis, quanto maior esse indicador melhor. Analisando o balanço da cooperativa, identificamos um baixo indicador por se tratar de uma cooperativa, com uma média de 8% de retorno dos ativos.

Quadro 10 – Rentabilidade Do Patrimônio Líquido

RENTABILIDADE DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO		
	2014	2015
LUCRO LÍQUIDO	44.637	42.226
PATRIMÔNIO LÍQUIDO	154.400	189.212
x100	100	100
RENTABILIDADE DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO	28,91	22,32

Fonte: O pesquisador.

Esse indicador demonstra a quantidade dos ativos em gerar resultado, como podemos observar que a cooperativa possui bons índices de rentabilidade sobre o PL, apesar de TR caído um pouco do ano de 2014 para o ano de 2015, mas isso ocorreu devido à redução do PL.

5.4 GIRO DO ATIVO E MARGEM LÍQUIDA

Quadro 11 – Ativo Médio

ATIVO MÉDIO	
ATIVO INICIAL	555.943
ATIVO FINAL	588.107
/2	2
ATIVO MÉDIO	572025

Fonte: O pesquisador.

Para podermos calcular o Giro dos ativos, primeiramente é preciso identificar qual é o ativo médio, você soma os totais dos ativos dos dois períodos que vão ser analisados e divide por dois. Assim você encontra a média do ativo entre os dois períodos.

Quadro 12 – Giro do Ativo

GIRO DO ATIVO		
	2014	2015
VENDAS LÍQUIDAS	91.626	108.807
ATIVO MÉDIO	572.025	572.025
GIRO DO ATIVO	0,16	0,19

Fonte: O pesquisador.

O giro do ativo está relacionado a capacidade mostrar quantas vezes o ativo girou em um determinado período, como pode-se notar a cooperativa apresentou um índice muito baixo, por se tratar de análise de uma cooperativa esse indicador vai se manter baixo, uma vez que as receitas de operações financeiras serão bem mais baixas do que o ativo, foi constatado um pequeno crescimento do ano de 2014 para 2015.

Quadro 13 – Margem Líquida

MARGEM LÍQUIDA		
	2014	2015
LUCRO LÍQUIDO	45.657	43.232
VENDAS LÍQUIDAS	91.626	108.807
x100	100	100
MARGEM LÍQUIDA	49,83	39,73

Fonte: Dados da pesquisa.

A margem líquida mostra o lucro líquido por cada unidade de venda, no qual houve uma queda de 10 pontos percentuais de 2014 para 2015, devido a uma redução das receitas e em contra partido redução do lucro.

6. CONCLUSÃO

Esse estudo de caso teve por finalidade analisar os indicadores financeiros de desempenho, no período de 2014/2015, realizado em uma instituição financeira cooperativista sem fins lucrativos, denominada SicrediUnivales, localizado na cidade de Juína – MT, com intuito de identificar como esses indicadores se comportam dentro desse período e de que maneira eles poderiam auxiliar os gestores no processo de tomada de decisão.

Verificando os indicadores de liquidez, de fato pode se observar que a cooperativa possui uma folga para a possível liquidação de seus passivos, e também uma alavancagem nos índices de liquidez de um ano para o outro, devido a uma redução na conta de depósito no passivo e um aumento na conta relações interfinanceiro no ativo. Portanto a cooperativa possui solvência devido ao seu crescimento no ativo total, ou seja, tem capacidade de realizar uma possível liquidação dos seus compromissos tanto de curto prazo como de longo prazo.

Quanto aos indicadores de endividamento, detecta-se uma pequena redução nesse índice do ano de 2014 para o ano de 2015, devido a uma redução de aplicações por parte dos associados.

Foi identificado através das análises que a cooperativa, em relação aos anos de 2014 e 2015, uma perda sobre o retorno do investimento total. Isso ocorreu devido ao delicado momento que o cenário econômico estava passando, como um aumento na inadimplência, sendo assim para evitar perdas foi implantado uma nova ferramenta de análise de risco mais conservadora do que nos anos anteriores. E por decorrência desse fato os associados tiveram uma redução em seu recebimento de sobras em relação a 2014. Houve também uma queda na taxa de retorno sobre o patrimônio líquido, que foi de 28% no ano de 2014, para 22% no ano de 2015, isso devido a uma redução do resultado operacional e uma evolução do patrimônio líquido.

Através desses indicadores podemos entender como cada um funciona e a sua importância dentro de qualquer tipo de organização, ainda que eles sejam apenas dados, quando utilizado no processo de tomada de decisão integrando um indicador a outro geramos informação e essa informação que é utilizada pelos gestores para tomar as decisões. É através dessas ferramentas que se identifica os problemas, e desenvolve-se o planejamento de projeções futuras. Uma das grandes

vantagens de uma instituição que trabalha com análises de indicadores é de certa forma, prever o futuro, e se preparar para as tendências econômicas. Conclui-se que o Sicredi Univales possui indicadores satisfatórios, demonstre capacidade de saldar seus compromissos a curto, médio e longo prazo.

Diante do exposto, é possível afirmar, que o objetivo do trabalho que era “Pesquisar se os indicadores financeiros de desempenho financeiro do Sicredi Univales, no ano 2014/2015, demonstraram capacidade em saldar seus compromissos com terceiros, a curto, médio e longo prazo”, foi plenamente alcançados a partir da premissa que o problema de pesquisa foi respondido.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Hugo Rocha. **Demonstrações contábeis:** estrutura, análise e interpretação. São Paulo: Atlas, 2003.

CARVALHO, Maria Cecília Maringoni. **Construindo o saber:** metodologia científica – Fundamentos e técnicas. Campinas : Papirus, 2010.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica.** São Paulo : Pearson Prentice Hall, 2002.

CONTABILIDADE, Conselho Federal de. **Princípios fundamentais e normas brasileiras de contabilidade.** Brasília : CFC, 2008. 3.

CREPALDI, Silvio Aparecido. **Curso básico de contabilidade:** resumo da teoria, atendendo às novas demandas da gestão empresarial, exercícios e questões com respostas. São Paulo: Atlas, 2013.

ENDEAVOR, Brasil. **5 indicadores de desempenho para medir seu sucesso.** Disponível em: <<https://endeavor.org.br/indicadores-de-desempenho/>>. Acesso em 21 de out. 2016.

FREZZATI, Fabio. **Orçamento Empresarial:** planejamento e controle gerencial. São Paulo: Atlas, 2005.

FAVERO, Hamilton Luiz; LONARDONI, Mário; SOUZA, Clóvis; TAKAKURA, Massakazu. **Contabilidade teoria e prática.** São Paulo : Atlas, 2011.

FIGUEIREDO, Antonio Macena; SOUZA, Soraia Riva Goudinho. **Como elaborar projetos, monografias, dissertações e teses:** da redação científica à apresentação do texto final. Rio de Janeiro :Lumen Juris, 2010.

FIGUEIREDO, Sandra; CAGGIANO, Paulo Cesar. **Controladoria :** teoria e prática. São Paulo : Atlas, 2008.

IUDÍCIBUS, Sergio. **Contabilidade comercial:** atualizado conforme o novo Código Civil. São Paulo : Atlas, 2007.

_____. **Contabilidade Gerencial.** São Paulo : Atlas, 1998.

_____. **Teoria da contabilidade.** São Paulo : Atlas, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica.** São Paulo : Atlas, 2011.

‘_____. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo : Atlas, 1992.

MARION, José Carlos. **Análise das demonstrações contábeis**: contabilidade empresarial. São Paulo : Atlas, 2007.

MARION, José Carlos. **Contabilidade Empresarial**. 17º Ed. São Paulo: Atlas, 2015.

MARION, José Carlos. **Contabilidade empresarial**. 12º Ed. São Paulo: Atlas, 2006.

OLIVEIRA, Celso Marcelo. **Manual de contabilidade empresarial e societária**: noção geral de contabilidade empresarial, direito e contabilidade de empresa e sociedade, contabilidade no moderno direito falimentar. Rio de Janeiro : Freitas Bastos, 2006.

PADOVEZE, Clóvis Luís. **Contabilidade gerencial**: um enfoque em sistemas de informação contábil. São Paulo : Atlas, 2004.

REIS, Arnaldo Carlos de Rezende. **Demonstrações contábeis**: estrutura e análise. São Paulo : Atlas, 2009.

ROSA, Lucilene; CIVIDINI, Juarez Antonio; FOGACA, Daniele S. **20 Anos de SICREDI UNIVALES**. Tangará da Serra: Editora Ideias, 2014.

SÁ, Antônio Lopes. **História geral da contabilidade no Brasil**. Brasília : Conselho Federal de Contabilidade, 2008.

SEBRAE, Nacional. **Entenda como funciona a sequência operacional do processo de produção da sua empresa**. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/mpe-indicadores-para-controle-e-gerenciamento-da-industria,68bc438af1c92410VgnVCM100000b272010aRCRD#qualidade>>, Acesso em 21 de out. 2016.

SILVA, P. R. **Contribuição para o entendimento dos indicadores de valor baseados no mercado**: uma resposta alternativa para o market value added (MVA). Tese de Doutorado em Contabilidade, faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, 2001.

SILVA, Alexandre Alcantara. **Estrutura, análise e interpretação das demonstrações contábeis**. São Paulo : Atlas, 2007.

WARREN, Carl S.; REEVE, James M.; FESS, Philip E. **Contabilidade gerencial**. São Paulo : Pioneira Thomson Learning, 2003.